

## RECORTES SOBRE O ESTUDO DE GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE E CAPACITISMO NOS CURSOS DE MÚSICA DA UFPEL

YARANA ESTER DE CAMPOS BORGES<sup>1</sup>; RAFAEL DA SILVA NOLETO<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – yaranaester@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – rafael.noleto@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão apresentadas questões acerca do tema gênero, raça, sexualidade e capacitismo nos cursos de Música da UFPEL. Desde 2015, esses assuntos me rondam e, após tantas leituras relacionadas ao tema, muitas relações foram tecidas e formaram a minha concepção de eu/corpo/mulher/cantora/pesquisadora.

Este trabalho está vinculado a pesquisas de diversidade no ensino superior e tem como objetivo analisar as representações sociais, históricas e culturais sobre os atravessamentos sociais que marcaram alunas e alunos nos cursos de Música da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Aqui é mostrado o recorte de uma pesquisa, em que o ponto de partida são as relações de gênero. Percebe-se que, ao falar de um atravessamento social, estamos discutindo marcadores sociais da diferença que atuam interseccionalmente na vida cotidiana dos sujeitos.

LOURO (2000), ressalta que homens e mulheres possuem sua política identitária, mais do que se reconhecer enquanto mulher ou homem em suas especificidades, necessitamos saber que não existe uma única maneira de ser mulher, que não existe apenas um caráter de unidade e assimilação.

Esta pesquisa foi um processo de percepção sobre mim também, o que eu, mulher, branca, heterossexual, feminista, cantora, classe baixa, com deficiência auditiva poderia fazer para contribuir com esse campo de pesquisa através de uma escuta para os cursos de Música na instituição superior em que estudo.

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir da revisão da literatura de: LOURO (2000), SCOTT (1995), CUSICK (2009), CONNELL (2015), OYĚWŪMÍ (2020), ROSA e NOGUEIRA (2015), ROSA e ADOUR (2019), DAVIS (2016) e NOLETO (2020) e também através de análise qualitativa. As análises foram feitas a partir das respostas dos/as participantes desta pesquisa e, com base nisso, são apresentados alguns resultados deste estudo. Essa pesquisa permitiu perceber que os estudantes dos cursos de Música da UFPEL, além de reconhecerem o que é próprio de cada gênero, tem refletido criticamente sobre como as relações de poder interferem na vida dos sujeitos através da mobilização de marcadores como gênero, raça e sexualidade. As relações de gênero são entendidas como distribuição de poder, essas relações de poder e as ideias sobre os comportamentos adequados a cada gênero circulam constantemente nas mãos de legisladores(as), familiares, professores(as), apresentadores(as). Gênero também é uma construção sociocultural e que não pode ser pensado à parte de raça e classe (DAVIS, 2016).

Todas essas relações permeiam o meio musical, que está impregnado de concepções que orientam a sociedade abrangente. Além de falarmos sobre o que nos contempla, devemos estar atentas ao todo e perceber que existem várias formas de pensar, ser e agir. É necessário reconhecer outros aspectos culturais, sociais, comportamentais, entre outros. Devemos ir contra o “saber dominante” e que por muito tempo ficou definido pela norma heteronormativa e branca.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir são apresentados recortes de uma pesquisa que já foi concluída, entretanto, as relações de atravessamentos sociais estão em constante mudança e as discussões aqui apontadas podem sofrer alterações no futuro, espera-se que para melhor. Esta pesquisa não foi realizada com o total dos/as alunos/as dos cursos de Música, mas sim com uma parcela que representa os cursos.

Os dados coletados da pesquisa apontam que, das pessoas que participaram, muitas já possuem reflexões acerca do tema, enquanto outras, entraram em contato com esse debate, através desta pesquisa. Tanto pessoas que tinham contato com os temas abordados, quanto as pessoas que não o possuíam até o momento, relataram que esse é um debate que se faz muito pertinente na graduação em Música e essas discussões estão atreladas ao âmbito musical. Essa é uma importante discussão para conscientizar a produção musical, pois música não é uma linguagem neutra. A música é feita por pessoas que possuem valores morais, culturais e políticos, visto que todos esses valores pesam no fazer musical e nas escolhas que são tomadas.

Embora a música seja uma arte aparentemente acolhedora, alguns participantes relataram a necessidade de falar sobre esses temas, pois no meio musical, existem muitos preconceitos relacionados às mulheres e a comunidade LGBTQIA+. Atitudes preconceituosas refletem nos espaços ocupados e nas atividades realizadas por mulheres e LGBTQIA+ no campo da música.

As desigualdades sociais dão-se devido aos estereótipos de gênero que foram construídos, constatados e generalizados socialmente e historicamente. Ao longo dos séculos, foram sendo naturalizados e reproduzidos por cada indivíduo em relação às identidades de gênero, classe social, deficiência, raça-etnia, entre outros.

Com esses relatos, observa-se a clara impressão de que a música é feita por sujeitos que estão dentro da sociedade e esses mesmos sujeitos têm outros âmbitos em suas vidas, como lazer, política, cultura, aspectos sociais, entre outros, e todas essas questões pesam no fazer musical.

É recorrente nas falas a questão de que o saber musical não deve fazer referência ao que foi imposto como normal, o saber europeu heteronormativo e branco, devemos repensar a branquitude. Alguns participantes, sem saber que falavam disso, mencionaram que devemos nos voltar mais para o repertório local ou brasileiro, além de relatar que o pensamento decolonial visa romper com as colonialidades impostas em que vivemos, essas ideias reforçam o embasamento teórico de ROSA e ADOUR (2019).

Histórica e culturalmente, a sociedade produz, reproduz e mantém opressão. Pesquisas como essa são importantes, pois servem para quebrar as diferenças dos atravessamentos sociais e também para estarmos atentos às particularidades que cada um tem.

## 4. CONCLUSÕES

Cada ser humano tem uma maneira de ser, agir e pensar; tem perspectivas pré-estabelecidas que devem ser analisadas. Cada sujeito tem em si um mundo, que muitas vezes não se encaixa em tais padrões.

Muitos participantes passaram a perceber como a música, de um modo geral, pode contribuir com essas questões, pois a música faz parte do nosso cotidiano e não tem como estudar a música sem estabelecer relações com as pessoas que a fazem, entendendo que essas relações são permeadas por percepções hierárquicas e (muitas vezes) segregadoras de gênero, raça, sexualidade, classe e capacitismo.

O formato deste trabalho foi um dos primeiros a serem realizados nos cursos de Música da UFPEL, e por esse caráter, trouxe uma forte contribuição para a área da música.

A Música não deve ser apenas uma área técnica de formação musical, mas também um campo de produção epistemológica, que produz conceitos e reflexões passíveis de contribuir com o desenvolvimento da ciência através do debate de questões socioantropológicas que permeiam o campo musical (NOLETO, 2020). Por isso, gênero, raça, sexualidade e capacitismo em música são temas que requerem uma discussão urgente, tendo em vista que outras áreas científicas tem aprofundado esse debate interseccional para o qual o campo da Música tem, certamente, grande contribuição a oferecer.

## 5. REFERÊNCIAS

CONNELL, R. **Gênero: uma perspectiva global**. Raewyn Connell, Rebecca Pearse; tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. 3ª ed. São Paulo: Editora: nVersos, 2015.

CUSIK, S. Gênero e música barroca. **Per Musi**. Belo Horizonte, n.20, p.07- 15, 2009.

Davis, A. **Mulheres, raça e classe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade**. In: Louro, Guacira Lopes (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Silva, Tomaz Tadeu da. 2ª ed., Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

NOLETO, R. da S. Música como ciência, ciência como música: provocações epistemológicas. **Opus**, v.26 n.3, p.1-22, set/dez. 2020.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: v.20, n.02, jul/dez, p. 71-99, 1995.

OYĚWÙMÍ, O. **Conceituando o gênero os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. In: Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais/ organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão... [et.al]. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora: Bazar do Tempo, 2020.

ROSA, A.; ADOUR, A. Ópera, raça e gênero sob o ponto de vista de artistas negras(os). **Revista Música**, v. 19, n.2, jul., p. 149-172, 2019.

ROSA, L.; NOGUEIRA, I. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: nota sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.3, n.2, p.25-26, 2015.